

Quasimodo (Salvatore)

Poeta italiano (Módica, Sicília, 1901 — Nápoles, 1968). Formado em engenharia na Politécnica de Roma passou dez anos em diferentes regiões da Itália a serviço do governo, no Departamento de Desenho Geométrico. Em 1935 estabeleceu-se em Milão, onde foi nomeado professor de literatura italiana no conservatório da cidade. Posteriormente tornou-se crítico teatral do "Tempo" de Milão e colaborador regular de várias revistas. Seus primeiros poemas apareceram na revista de vanguarda "Solaria". Na década de 1930, tornou-se líder do hermetismo, escola de poesia que simulava idéias antifascistas sob símbolos e metáforas só decifráveis pelos iniciados. Mais tarde Quasimodo tornou-se o grande poeta da Resistência. Discípulo de Giuseppe Ungaretti e de Eugenio Montale, sua poesia traduz o encontro de três correntes — a dos líricos gregos (Anacreonte, Alceu, Safo), a dos simbolistas franceses e a de Paul Valéry. Entre suas obras incluem-se traduções de clássicos greco-romanos, entre as quais "Lirici Greci" (1940), "Il Fiore delle Georgiche" (1942) e "La Tempesta" (1952). Suas obras principais: "Ed È Subito Sera" ("De Repente, a Noite"), 1942; "Acque e Terre" ("Águas e Terras"), 1956; "La Terra Impareggiabile" ("A Terra Incomparável"), 1958; "Giorno dopo Giorno" ("Dia após Dia") 1946. Prêmio Nobel de literatura de 1959.

Quefren

Faraó egípcio (2 600 a. C.). Quarto faraó da IV Dinastia, filho de Quéops. A ele é atribuída a construção da segunda grande pirâmide de Gizeh. É sua a Esfinge de Gizeh, a maior estátua conhecida lavrada em rocha viva, (20 metros da base à cabeça). Heródoto chamou-o de Chefren. Alguns egiptólogos chamam-no de Chafren, Quifren ou Kafrén.

Queirós (Eça de)

V. **Eça de Queirós**, Enciclopédia Abril (vol. IV)

Queirós Coutinho Mattoso Câmara (Eusébio de)

Político e magistrado brasileiro de origem angolense

(São Paulo de Luanda, 1812 — Rio de Janeiro, GB, 1868). Tinha três anos de idade quando sua família se transferiu para o Brasil. Em 1832 bacharelou-se em direito pela Faculdade de Olinda. No Rio de Janeiro exerceu os cargos de juiz de fora e juiz do crime, mais tarde juiz de direito e desembargador. Em 1838 foi eleito para a Assembléia Provincial do Rio de Janeiro. Mais tarde representou o Rio de Janeiro na Assembléia Geral em cinco legislaturas. Entre 1849 e 1852 foi ministro da Justiça no Gabinete chefiado pelo visconde de Olinda. Durante sua gestão foi promulgada a lei que extinguiu o tráfico de escravos, da mesma forma que o Código Comercial (25-7-1850). Preocupou-se com a implantação do sistema penitenciário brasileiro. Com Irineu Evangelista de Sousa, mais tarde barão de Mauá, contratou a instalação do sistema de iluminação a gás do Rio de Janeiro. Cuidou ainda da regulamentação dos direitos da imprensa, da instrução religiosa e da guarda nacional. Após deixar o Ministério foi senador (1854) e conselheiro de Estado (1855).

Quental (Antero Tarquínio de)



Poeta português (Ponta Delgada, Açores, 1842 — id. 1891). Filho de família aristocrática, recebeu profunda influência religiosa da mãe. Seu avô, revolucionário do século XVIII, sofreu na prisão as perseguições absolutistas. A vida de Quental foi um eterno conflito entre a necessidade de lutar por idéias progressistas e revolucionárias e um profundo misticismo. Com dezesseis anos ingressou na Universidade de Coimbra. Entre 1859 e 1863 escreveu seus primeiros poemas, "Raios de Extinta Luz" e "Primaveras

Românticas" (publicado em 1875), românticos e líricos. Em "Odes Modernas" (1865), expressou os problemas que agitavam a si e a seus contemporâneos. Fundou a Sociedade do Raio, associação materialista e revolucionária, hostil ao reitor da Universidade de Coimbra e ao foro acadêmico. Em 1865, um prefácio de Antônio Feliciano de Castilho a um livro de Pinheiro Chagas atacando a nova geração, especialmente Teófilo Braga e Antero, levantou a Questão Coimbrã. Antero respondeu com o ensaio "Bom Senso e Bom Gosto", em que atacou o formalismo na literatura portuguesa da época. Em outro ensaio, "A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais", proclamou seu propósito de criar uma nova poesia, que pudesse ser a "voz da revolução". Formado, estabeleceu-se em Lisboa, onde procurou viver como operário. Trabalhou como tipógrafo, em Lisboa e em Paris, onde conheceu Michelet e Proudhon, cujas idéias o influenciaram. Em 1890 fez uma viagem aos Estados Unidos e Canadá. Retornou a Lisboa, onde tomou parte ativa na propaganda operária na vida cultural portuguesa. Em 1870, fundou com Oliveira Martins um jornal republicano, "A República". Organizou o "Cenáculo", grupo de intelectuais que em 1871 preparou as Conferências Democráticas do Cassino Lisboense. Antero abriu os debates falando sobre as "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Séculos". As conferências, entretanto, foram proibidas pelo governo, provocando uma onda de protestos. Antero distribuiu uma "Carta ao Exmo. Sr. Antônio José de Ávila, Presidente do Conselho de Ministros", contendo inúmeras assinaturas de intelectuais portugueses, repudiando a atitude oficial. Ligou-se ao socialismo e ingressou na I Internacional. Em 1872 fundou com José Fontana a revista "O Pensamento Social" e editou o folheto "O que É a Internacional". Mas nessa mesma época expressava na poesia a angústia que o acometia, dividido entre a tendência ao misticismo e à luta política. Doente, foi a Paris em 1877 a fim de consultar Charcot, célebre neurologista da época. Obteve melhora temporária e escreveu seus últimos sonetos. Em 1882

q

retirou-se para Vila do Conde, perto do Porto, onde se dedicou à educação de duas órfãs que havia adotado, acompanhando com interesse o governo de Oliveira Martins. Durante a crise causada pelo ultimato britânico de 1890, retornou à política ativa, sendo escolhido presidente da Liga Patriótica do Norte. No outono de 1891 encontrava-se novamente em Ponta Delgada, onde se suicidou com dois tiros de revólver, na praça em frente ao Convento da Esperança. Antero elaborou uma estética realista. Sua poesia é um reflexo dramático da crise que agitou o pensamento ocidental na segunda metade do século XIX. Seu pensamento filosófico aproxima-se do hegeliano e sofre influências de Schopenhauer. Combateu o positivismo e deixou um estudo filosófico: "Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX" (1889), publicado na "Revista de Portugal", de Eça de Queirós.

Quéops

Faraó egípcio (2 600 a.C.). Segundo rei da IV Dinastia. Durante seu governo fez construir a maior das grandes pirâmides de Gizé e ordenou o fechamento dos templos. Também chamado Khufu pelos egiptólogos.

Quercia (Jacopo della)

Escultor italiano (Quercia Grossa, Siena, c. 1374 — Bolonha, 1438). Participou do grande concurso para a execução da segunda porta do batistério de Florença em 1401. Em 1407 executou com Francesco di Valdambriano o túmulo de Ilaria del Carretto, na Catedral de Lucca. No ano seguinte executou em Ferrara a estátua da Virgem e a Criança que se encontra no Museo dell'Opera del Duomo. Em 1409 recebeu a encomenda da Fonte Gaia, em Campo, Siena. Em 1413, aceitou encomenda de uma estátua de apóstolo para o exterior da Catedral de Lucca, da tumba de Lorenzo Trenta e sua mulher (Igreja de São Frediano, 1416) e do altar Trenta na mesma igreja. Entre 1427 e 1430 desenhou o tabernáculo hexagonal do centro do batistério de San Giovanni, em Siena, onde também esculpiu relevos de profetas. Trabalhou no pórtico central de São Petronio, em Bolonha,

de 1425 até sua morte. Em 1435 foi nomeado arquiteto superintendente da Catedral de Siena, e encarregado da decoração da Capela Casini, que não chegou a terminar.

Quesnay (François)

Médico e economista franceses (Méré, perto de Montfort l'Amaury, 1694 — Versailles, 1774). Aos dez anos aprendeu a ler e, sozinho, estudou latim e grego e obteve conhecimentos de filosofia e matemática. Em 1718 conseguiu título de mestre em cirurgia indo estabelecer-se em Nantes. Sua habilidade e um certo número de obras teóricas trouxeram-lhe notoriedade, tornando-se cirurgião do duque de Villeroy e, posteriormente, cirurgião ordinário do rei. Lecionou nas escolas de cirurgia, sendo nomeado secretário perpétuo da Academia de Cirurgia. Em 1744, com cinquenta anos de idade, tornou-se médico (na época profissão distinta e mesmo rival da cirurgia), associando-se à Faculdade de Medicina de Paris. Luís XV, que o apelidara "Penseur" ("Pensador"), deu-lhe o título de médico ordinário do rei. Quesnay tomou parte ativa nas questões que naquela época opunham a Faculdade de Medicina ao Colégio de Cirurgia. Publicou o "Essai Physique sur l'Economie Animale", tratado de fisiologia teórica em que faz algumas considerações filosóficas. Sua importância maior foi como economista, sendo considerado o fundador da primeira escola de economia política, a dos fisiocratas. Em Versailles criou a Seita dos Economistas, da qual participavam Victor Riqueti de Mirabeau, Nicolas Baudet, Paul Pierre Mercier de la Rivière, G. F. le Trosne e Pierre Samuel Du Pont de Nemours. Em 1758, Quesnay publicou "Tableaux Economiques" ("Quadros Econômicos"), obra que obteve sucesso. O autor dava extrema importância à agricultura, única atividade que considerava economicamente produtiva, em contraste com a "esterilidade" do comércio e da indústria. Sua sistematização da análise econômica, entretanto, precedida apenas por Richard Cantillon ("Ensaio sobre a Natureza do Comércio", 1755), abriu o período clássico da economia. Em seus "Tableaux Economiques" demonstrou a interdependência entre as diversas

classes sociais e setores da economia. Partindo dessa demonstração, chegou a um estado de equilíbrio econômico estacionário, conceito que originou as doutrinas da harmonia dos interesses de classes do século XIX e a teoria segundo a qual a livre competição é indispensável para o progresso e a máxima satisfação social. Com suas teorias, moveu ativa campanha contra os monopólios e privilégios feudais, propondo um governo baseado numa monarquia forte.

Quevedo y Villegas (Francisco Gómez de)



Escritor espanhol (Madrid, 1580 — Villanueva de los Infantes, 1645). Estudou letras clássicas e teologia nas Universidades de Alcalá e Valladolid, entre 1596 e 1606. Em 1613 fez-se conselheiro do duque de Osuna, vice-rei da Sicília e, mais tarde, de Nápoles. Assim desempenhou várias missões diplomáticas na Itália e na Espanha. Numa delas foi acusado pelo governo de Veneza de participação na conspiração de 1618, e só conseguiu escapar da cidade disfarçado de mendigo. Em 1620, com a queda do duque de Osuna, Quevedo foi preso, sendo solto no ano seguinte. Recusou convite para ocupar o cargo de embaixador em Gênova, mas aceitou o título de secretário do rei em 1632. Em 1639 caiu novamente em desgraça, sendo preso e confinado até 1643 no Mosteiro de São Marcos, em Leão. Atribuiu-se sua queda a "Sacra, Católica, Real Majestad", onde o autor criticava a política real. Sua vida e sua obra possuem aspectos variados e, às vezes, conflitantes. Ao mesmo tempo que escrevia obras moralistas, mantinha uma amante da qual teve vários filhos. Desenvolveu uma literatura que vai do obscuro

Quasimodo, Salvatore — Quevedo y Villegas, Francisco Gómez de

ao devoto. Ainda que se opusesse às inovações de Luís de Góngora, introdutor do estilo preciosista (Culteranismo ou Gongorismo) que dominou a época, Quevedo não deixava de ser barroco. Contra o culteranismo escreveu poesias satíricas e às vezes grosseiras, como "La Aguja de Navegar Cultos" (1631) e "La Culpa Latiniparla" (1629), com o subtítulo "Catecismo de Vocábulos para Instruir as Mulheres Cultas e Semilatinas". "Sueños" (1627) é uma seqüência de visões do inferno. Em "La Hora de Todos" (escrita entre 1635 e 1636, e considerada sua obra-prima), retratou sua época, criticando o comercialismo, o racismo, a escravidão, a política internacional. Na novela "La Vida de Buscón" (1626), narrou as desventuras de um filho ilegítimo. Exponente do conceptismo do século XVII, em suas obras não satíricas associou conceitos díspares. "La Política de Diós" (1626 a 1635) e "La Providencia de Diós" (1641) são expressões originais de um pensamento antes de tudo conservador e tradicional. Em "Marco Bruto" (1644) defendeu a monarquia contra tendências democráticas. Para ele, problemas políticos e sociais reduziam-se a questões de moralidade pessoal. Sua crença na fragilidade de tudo quanto é humano e na decadência de seu país levaram-no a um pessimismo extremo, expresso em sua noção da morte como "única verdade indiscutível", a morte que "tem mais de carícia que de pena". Propagou na Espanha as doutrinas estoicas que Justus Lipsius popularizou na Europa. Deixou traduções e imitações de Anacreonte, Virgílio, Horácio, Marcial, Petrarca, Epiteto e Sêneca. Escreveu os tratados estoicos "La Cuna y la Sepultura" ("O Berço e a Sepultura", 1633) e "Virtud Militante" (1634/36).

Quine (Willard van Orman)

V. Quine, Enciclopédia Abril (vol. X)

Quintiliano (Marcus Fabius)

Orador romano (Calagurris, atualmente na Espanha, c. 35 d. C. — Roma?, c. 100). Recebeu parte de sua educação em Roma, onde foi aluno do orador Domício. Retornou à Espanha por volta de 57 e, em 68, voltou a Roma na

comitiva de Galba. Lecionou retórica e foi nomeado professor público por Vespasiano (c. 71). Exerceu também advocacia nos tribunais romanos. Após vinte anos nessas atividades, aposentou-se e passou a escrever. Em 95 publicou a sua maior obra, "Institutio Oratoria" ("Tratado sobre a Oratória"). No fim de sua vida foi nomeado por Domiciano tutor de seus dois netos e premiado com a insígnia consular. O "Tratado" versa sobre a educação do orador desde a mais tenra idade. Seus ensinamentos exerceram forte influência na pedagogia moderna a partir dos séculos XV e XVI e estão reunidos no livro X do "Tratado". Além disso, contém uma espécie de história crítica da literatura latina que é a primeira tentativa no gênero que se conhece. Quintiliano fez uma revisão crítica dos grandes escritores latinos e gregos. Deixou também "De Causis Corruptas Eloquentiae" ("Sobre as Causas da Decadência da Eloquência").

Quiroga (Horácio)

Contista uruguaio (Salto, 1878 — Buenos Aires, 1937). Viveu grande parte de sua vida na Argentina, realizando frequentes viagens de Buenos Aires a San Ignacio, na província de Misiones. As florestas de Misiones são parte integrante de sua literatura. Retratou com habilidade a inútil luta do homem contra a floresta tropical. Seu conto é realista, contendo, entretanto, alguma influência modernista, resíduo da tendência de suas primeiras obras. Tem uma certa preferência pelo fantástico, anormal e horrendo. Suas últimas criações refletem a profunda depressão causada pela doença e pelo infortúnio. Suicidou-se num hospital de caridade em Buenos Aires. Suas obras principais: "El Crimen de Otro" (1904), "Historia de un Amor Turbio" (1908), "Cuentos de la Selva para Niños" (1918), "El Desierto" (1920), "Los Perseguidos" (1920), "Anaconda" (1921), "La Galina Degollada" (1925), "Los Desterrados" (1927), "Pasado por Amor" (1929), "Mas allá" (1935).

Quiroga (Juan Facundo)

Caudilho e político argentino (La Rioja, 1790 — Barranca Yaco, 1835). Passou sua juventude entre jogos,

brigas e roubos. Foi peão, preso, soldado e desertor. Por volta de 1814 foi preso no Chile, sendo encarcerado junto a oficiais espanhóis. Os espanhóis amotinaram-se e soltaram os presos comuns para causar tumulto. Contase que Quiroga matou um desses oficiais com o próprio grilhão que este acabava de tirar-lhe e dirigiu o massacre dos espanhóis. Libertado como patriota, voltou à Argentina impondo novamente respeito e terror. Tornou-se chefe político e militar das províncias do norte (Catamarca, Rioja, San Juan, Mendoza, Tucumán e Jujuy). Participou da luta entre federalistas e unitários, tornando-se temido e implacável chefe federalista. Em 1827 suas forças asseguraram a posse do Coronel Dorrego na presidência da República. Após o assassinato de Dorrego por Lavalle, Quiroga sofreu duas sérias derrotas por parte das forças do General Paz. Em 1831, entretanto, alcançou esmagadora vitória em Chacón e Tucumán. Tomou Buenos Aires em 1834 e foi nomeado governador da província, o que equivalia à chefia da República. No ano seguinte, surgindo uma questão entre os governadores de Salta e Tucumán, partiu para o norte na tentativa de apaziguá-los. No caminho foi emboscado e assassinado com a escolta.

Quitéria de Jesus Medeiros (Maria)

Heroína brasileira (? Bahia, 1792 — id., 1853). Filha de portugueses, morava em uma fazenda próxima à Vila da Cachoeira. Por ocasião da Guerra de Independência na Bahia, um encarregado do recrutamento de voluntários para o Exército hospedou-se na casa de seu pai. Maria, influenciada pelas idéias de independência nacional, fugiu disfarçada em trajes de homem para assentar praça no Exército. Alistou-se num regimento de artilharia, de onde foi transferida para o batalhão de caçadores, o Batalhão dos Periquitos. Formou uma companhia feminina que se destacou na luta contra os portugueses quando estes tentaram desembarcar junto à foz do rio Paraguaçu. Em agosto de 1823, terminada a guerra, foi condecorada por Dom Pedro I com a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro. Recebeu também soldo de alferes de linha.